

## COMO A ESCOLA TRATA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL

Francisca Mailza Bezerra de Castro<sup>1</sup>  
Marisa Pascarelli Agrello<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo é parte de um trabalho científico extenso e rigoroso desenvolvido durante o Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Lisboa, o qual tem como tema: A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará. O trabalho de pesquisa supracitado foi desenvolvido nas cidades de Pentecoste e Juazeiro do Norte, representando respectivamente a linguagem falada nas regiões Litoral Oeste e Cariri cearense, no qual se dissertou sobre a importância de se analisar e respeitar as variações linguísticas no Brasil, a fim de não se obstacularizar a aprendizagem dos alunos no Ensino Médio, levando-os à desistência dos estudos pela falta de comunicação entre professores e alunos e mesmo entre os pares. Investiga-se principalmente, as diferenças lexicais e suas causas (objetivos específicos). A metodologia empregada é a qualitativa, tendo como campo empírico de pesquisa uma escola de cada município estudado pois, os sujeitos participantes são os coordenadores, professores e alunos. A coleta de dados foi realizada através de sessões de entrevistas semiestruturadas e individuais (2018). E sua análise baseada no método “análise de conteúdo” de Bardin (2015). embasando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio – Parte II – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, Nacionais (1997) e em linguistas como: Bagno (2015), Traváglia (2017) e Lucchesi (2012, 2015, 2017), a literatura que propõe novos caminhos para o ensino da Língua Portuguesa, considerando os diversos dialetos que a compõem, apontados pelos historiadores: Aranha, (2020) e Fausto, (2019).

**Palavras-chave:** Variações Linguísticas. Diferenças Lexicais. Dialetos.

2638

**ABSTRACT:** This article is part of an extensive and rigorous scientific work developed during the Academic Master's Degree in Education Sciences, at the Lusófona University of Humanities and Technologies (ULHT), Lisbon, which has as its theme: The use of the Portuguese language in two regions of the state from Ceará. The aforementioned research work was developed in the cities of Pentecoste and Juazeiro do Norte, representing respectively the language spoken in the Litoral Oeste and Cariri regions of Ceará, in which the importance of analyzing and respecting linguistic variations in Brazil was discussed, in order to Do not hinder students' learning in high school, leading them to drop out of studies due to the lack of communication between teachers and students and even among peers. It mainly investigates lexical differences and their causes (specific objectives). The methodology used is qualitative, with a school in each municipality studied as the empirical research field, as the participating subjects are coordinators, teachers and students. Data collection was carried out through semi-structured and individual interview sessions (2018). And its analysis is based on Bardin's “content analysis” method (2015). based on the National Curricular Parameters – High School – Part II – Language, Codes and their Technologies, National (1997) and on linguists such as: Bagno (2015), Traváglia (2017) and Lucchesi (2012, 2015, 2017), the literature that proposes new paths for teaching the Portuguese language, considering the different dialects that compose it, highlighted by historians: Aranha, (2020) and Fausto, (2019).

**Keywords:** Linguistic Variations. Lexical Differences. Dialects.

<sup>1</sup>Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias -ULHT- Localizada em Lisboa Portugal.

<sup>2</sup>Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, (2016), Portugal.Pós-Doutorado (2021) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro com a pesquisa Montessori e a Educação Para a Paz.

**RESUMEN:** Este artículo forma parte de un extenso y riguroso trabajo científico desarrollado durante la Maestría Académica en Ciencias de la Educación, en la Universidad Lusófona de Humanidades y Tecnologías (ULHT), Lisboa, que tiene como tema: El uso de la lengua portuguesa en dos regiones. del estado de Ceará. El mencionado trabajo de investigación se desarrolló en las ciudades de Pentecoste y Juazeiro do Norte, representativas respectivamente de la lengua hablada en las regiones de Litoral Oeste y Cariri de Ceará, en el que se discutió la importancia de analizar y respetar las variaciones lingüísticas en Brasil, para poder hacer no obstaculizar el aprendizaje de los estudiantes en la escuela secundaria, llevándolos a abandonar los estudios debido a la falta de comunicación entre profesores y estudiantes e incluso entre pares. Investiga principalmente las diferencias léxicas y sus causas (objetivos específicos). La metodología utilizada es cualitativa, teniendo como campo de investigación empírica una escuela de cada municipio estudiado, ya que los sujetos participantes son coordinadores, docentes y estudiantes. La recolección de datos se realizó mediante sesiones de entrevistas semiestructuradas e individuales (2018). Y su análisis se basa en el método de “análisis de contenido” de Bardin (2015). con base en los Parámetros Curriculares Nacionales – Escuela Secundaria – Parte II – Lengua, Códigos y sus Tecnologías, Nacional (1997) y en lingüistas como: Bagno (2015), Traváglia (2017) y Lucchesi (2012, 2015, 2017), el literatura que propone nuevos caminos para la enseñanza de la lengua portuguesa, considerando los diferentes dialectos que la componen, destacados por los historiadores: Aranha, (2020) y Fausto, (2019).

**Palabras clave:** Variaciones Lingüísticas. Diferencias Léxicas. Dialectos.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo está em consonância com a pesquisa maior realizada para o mestrado na área de Ciências da Educação, curso ofertado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa, Portugal e tem como objetivo principal analisar a utilização da língua portuguesa oral em duas cidades de duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte, municípios que mesmo localizados dentro um mesmo estado distam aproximadamente 600 (seiscentos) quilômetros.

2639

## I - COMO AS ESCOLAS TRABALHAM COM AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NO BRASIL?

O Brasil é um país de dimensões muito grandes com vasta cultura e rico em variantes lingüísticas. E a escola é uma amostra dessa variedade. Isso ocorre porque essa instituição acolhe pessoas de todas as camadas sociais, de todos os lugares e cada indivíduo traz consigo seu glossário próprio, adquirido, ora pelas experiências vivenciadas, ora pelo meio onde vive.

No caso da escola, em particular, há uma mistura de dialetos, no entanto ela privilegia a linguagem padrão, que é a linguagem adotada pelo livro didático em detrimento das linguagens regionais e das gírias, esta última, muito utilizada pelos jovens. Andrade (2012).

Andrade (2012), discute a questão da aprendizagem da língua portuguesa na escola, afinal, todos os brasileiros natos já a falam. Então, o que realmente acontece na escola? O

que a escola ensina? O que ocorre na escola nada mais é que o ensino da gramática e da norma culta. Havendo então, negligência para com as variantes linguísticas das quais os alunos, e muitas vezes até mesmo os professores, são portadores. O que acarreta um grave problema, pois ainda há a classificação de certo e errado no uso da língua. Por exemplo: “O uso da norma-padrão está correto, o uso de variantes está errado”. Quando na verdade é sabido que, no processo comunicacional o importante é que haja entendimento.

Nas situações de fala, por exemplo, o uso da língua é como o uso de roupas, há situações adequadas e determinadas para cada tipo de variante. A pessoa não vai à praça de biquíni, isso porque este é um traje de banho para ser usado na praia ou na piscina; e também não vai à praia ou a piscina de terno e vestido longo, porque este é um traje para ser usado em ambiente de trabalho ou festas.

Da mesma forma é a língua: não é adequado falar com uma pessoa que não tem escolarização usando apenas a norma culta ou padrão, porque não haverá entendimento; e da mesma forma, não se pode redigir um trabalho acadêmico usando gírias, porque este tipo de linguagem não é adequada para este tipo de situação, de acordo com Andrade (2012).

Então observa-se que é necessário voltar uma atenção maior a adequação linguística dentro da escola, pois, para Andrade (2012), a metodologia de ensino da língua, que desconsidera totalmente as variações linguísticas está descaracterizando esta língua, pois ignora totalmente a realidade social, uma vez que não está considerando a sua complexidade e o seu dinamismo. Porque está está desconsiderando totalmente o dinamismo que a envolve, visto que, ela é um organismo vivo, falada por pessoas vivas, que estão em constante aprendizado, seja através do meio acadêmico ou por interações. Portanto, a língua também varia de acordo com essas interações, ou aprendizados, tornando-se flexível, dinâmica e múltipla. Como consequência, dessas questões surge a crença muito propagada nos meios estudantis de que o português é muito difícil, quando na verdade todos já o sabem. E o que ocorre realmente é a dificuldade de uso de apenas uma variante, a padrão.

Cunha (2018), em sua pesquisa propõe um método de ensino para o Ensino Médio, quanto as variantes linguísticas, partindo do pressuposto que a noção de erro é preconceito linguístico e que é preciso que haja a desmistificação e o combate a essa ideia. Apontando também, a necessidade de que haja um estudo dessas diferenças, além da divulgação dessa nova visão que considera este tipo de linguagem como variação e não como erro.

Cunha (2018), também afirma que a criança ao chegar à escola já traz consigo uma bagagem cultural, conseqüentemente, também traz a gramática internalizada do uso da língua. E o que ela realmente precisa é desenvolver sua competência comunicativa. E isso ocorre por meio da aprendizagem de outras variações linguísticas, como a da norma culta ou a padrão, que são variantes de prestígio. E é mais do que isso, os estudantes têm o direito de aprender novas formas de linguagem, porque no caso da norma culta, esta se torna essencial para aqueles que almejam ascender na vida. Portanto, a escola não deve ignorar o vocabulário básico trazido pelo aluno e sim enriquecê-lo com a aprendizagem de outras variantes. Logo, não deve haver a substituição de uma variante por outra, mas sim a aquisição de conhecimentos de outras variedades para que haja a diminuição do preconceito, gerado pela ideia vigente de que a norma-padrão é a única correta.

A observação que se faz é que não se está afirmando que a norma culta é fator determinante para a ascensão social, mas também não se pode ignorar o fato de que essa variante é usada por aqueles que dominam a sociedade e que estes, quiçá, por se expressarem melhor, conseqüentemente, terão melhores oportunidades do que aqueles que não a dominam. Portanto, é necessário que o aluno tenha consciência de que há uma língua de prestígio, a culta, que poderá lhe oferecer diversas oportunidades, em detrimento das demais variações. Mas também é imprescindível que ele entenda, que não há língua superior ou língua inferior a outra. E que a língua é uma construção social e histórica e que depende de fatores como o “sexo, a etnia, o grau de escolaridade, comunidade, tensão discursiva, profissão e o contexto em que o falante está inserido além da modalidade, que pode ser oral ou escrita” (Cunha, 2018, pp.28-41).

Andrade (2012), afirma que as variedades linguísticas são sistemas completos e adequados para a comunicação e suprem as necessidades comunicativas dos falantes. Portanto, dizer que uma variante é melhor que outra é a mesma coisa que usá-las para discriminar as pessoas que as utilizam. Afirma também, que a escola deve ensinar a língua padrão, uma vez que esta variação é usada por aqueles que detêm o conhecimento e pelas classes dominantes, até como forma de defesa, pois quem domina a língua culta consegue entender melhor os discursos propagados, que na maioria das vezes, são desfavoráveis às classes menos favorecidas.

## II - O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DA LÍNGUA.

Para Andrade (2012), há outro fator preponderante que deve ser levado em consideração no ensino da disciplina Língua portuguesa na escola. Ele levanta a questão da discriminação linguística, afirmando que a escola e o professor, têm que ser diretamente responsáveis e intervir de forma direta para que esta não aconteça, explicando as razões geracionais das diferentes formas de expressão. E ao mesmo tempo, exercer o papel democrático na disseminação da língua padrão.

<sup>3</sup>A - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, prevista na LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996 que norteia os currículos das Universidades Federais assim como propõe propostas pedagógicas a todas as escolas do Ensino Básico, sejam elas públicas ou privadas, no capítulo referente a Língua Portuguesa, também discorre sobre a importância das variantes linguísticas serem introduzidas no currículo escolar e não apenas a variante padrão. Tratando o texto “como unidade central de trabalho sempre relacionado a seu contexto de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses”. (BNCC, 2017 p.02)

Neste âmbito, a BNCC afirma que é papel da escola introduzir as variantes linguísticas no currículo da Língua portuguesa e mais do que isto, também afirma que é dever da escola ensiná-las e papel do aluno aprendê-las. E para caracterizar e ilustrar esta interpretação da BNCC cita-se uma questão da prova externa do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) 2023 do caderno de Língua portuguesa, na qual, em seu descritor de número três é cobrado que os alunos conheçam expressões regionais.

Tabela I – D03 - INFERIR O SENTIDO DE UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO

Exemplo de item do descritor D3:

Todo ponto de vista é a vista de um ponto

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.

Todo ponto de vista é um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

<sup>3</sup>A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

BOFF, Leonardo. A água e a galinha. 4ª ed. RJ: Sextante, 1999

A expressão “com os olhos que tem” (? .1), no texto, tem o sentido de

- (A) enfatizar a leitura.
- (B) incentivar a leitura.
- (C) individualizar a leitura.
- (D) priorizar a leitura.
- (E) valorizar a leitura.

Na questão supracitada o SAEB exige que o aluno detenha o conhecimento do significado da expressão “com os olhos que tem”. Aqui é importante observar que esta expressão não pertence a norma culta ou padrão, ensinadas na escola e bem menos a expressão de prestígio, visto que o ler com os olhos que tem não está empregado no sentido literal. portanto, essa expressão é classificada como um regionalismo, visto que foi utilizada de forma singular pelo filósofo Leonardo Boff em suas reflexões.

Andrade (2012), está de acordo com a linha educacional da BNCC quando observa que ainda é papel do professor preparar os estudantes para que eles falem não somente a língua padrão, mas também suas línguas de origem. Tornando-o assim um “poliglota dentro de sua própria língua” (Andrade, 2012, p. 544). Para tanto, observa-se a necessidade de uma preparação dos professores para que possam trabalhar com as variações linguísticas, pois muitos ainda confundem erros ortográficos e gramaticais com variação.

2643

Segundo o dicionário on line da Língua portuguesa a definição de poliglota é: aquele que sabe ou que fala muitas línguas. Esta definição remete a fala de Andrade (2012), supracitada, a questão da riqueza linguística brasileira, mostrando que a Língua portuguesa é plural, pois cada recanto do país tem a sua forma própria de falar, e isto ocorre porque a língua ela se reinventa para adaptar-se, para sobreviver a cada dia. E que o usuário da língua também precisa compreender e usar esse imenso leque de possibilidades linguística, fazendo assim a sua própria adaptação, para conseguir êxito na comunicação. .

O fato é que a língua portuguesa é composta por um amplo sistema de variantes; a língua é um organismo vivo, mutável, que precisa se adaptar as diferentes situações. E dessa forma vão surgindo novas maneiras de escrever e de falar, pois, a língua portuguesa não é homogênea, ao contrário, sendo composta de muitas variantes linguísticas que a enriquecem e a tornam única. Prova disto é a região nordeste que apresenta a sua formação léxical totalmente divergente das demais regiões do país e um dos fatores que está diretamente ligado a esta divergência é o seu histórico de colonização, como veremos a seguir.

## A REGIÃO NORDESTE E A SUA RIQUEZA LEXICAL

A Região Nordeste foi berço do Brasil colonial e palco de muitas revoluções e invasões estrangeiras neste mesmo período. Sendo uma região rica economicamente, inicialmente foi fundada uma colônia espanhola chamada “Felipeia” no século XVI, em homenagem ao rei D. Felipe que nesta época estava governando Portugal. Posteriormente, essa mesma região chamou a atenção de outros povos estrangeiros, pois nela haviam estabelecidos os engenhos de cana-de açúcar, ocorrendo, então as invasões holandesas no século XVII, quando, a região de Pernambuco viveu um período de prosperidade, sendo fundadas cidades como Mauricéia. E já no século XIX, colônias alemãs como “Dona Leopoldina” segundo Abreu, (2019). Sendo este um dos fatores que a caracterizam a região com um falar único, ímpar no país.

Junte-se ainda a todos estes fatores a entrada franca na colônia brasileira, de africanos escravizados no século XVII, que também contribuíram com a formação da língua portuguesa, pois eram provenientes de vários países e cada um trouxe a sua riqueza cultural, da qual faz parte a língua. Além da contribuição advinda da língua falada pelos povos primitivos que habitavam a terra quando da chegada dos portugueses.

A seguir apresenta-se uma tabela com vocábulos pertencentes à região em questão, retirados de um compilado de Navarro (2013).

Tabela ii- vocábulos pertencentes à região em estudo

TERMO	SIGNIFICADO
Abestado, Abestalhado	Otário, tolo.
Abilolado, abirobado, abiscoitado	Maluco, desorientado.
Aratu	Caranguejo (Aratus pisoni) da família dos grapsídeos, com a carapaça quadrada e acinzentada, capaz de subir com habilidade nas árvores do mangue, onde se alimenta e se acasala.
Babão	Puxa saco, xeletéu.
Babujar	Comer a erva, a babuja, o pasto.
Baixa da égua	Lugar muito longe, cafundoca, caixa-pregos.
Cabeça de frade	Obstáculo de cimento em forma de meia bola para impedir o trânsito.
Cabeça de prego	Furúnculo.
Cabra	Mestiço de mulato, negro e índio, e também de branco. •
Dar	Equivale a bater, surrar, sovar.
Dar fim	1. Gastar, consumir. 2. Acabar, concluir, encerrar, matar.
Dar o prego	Enguiçar.
Empurrada	Equivale a ‘em grande quantidade’, pra valer:
Empeitada	Variação fonética para ‘empreitada’, jornada de trabalho.

Encalçar	Comprimir, apertar, calçar.
Falar mais que o homem da cobra	Falar muito.
Fastioso	Diz-se da pessoa que tem falta de apetite.
Fato	Intestinos de animal.
Gabiru	Rato escuro e grande. No sentido pejorativo: aproveitador, espertalhão.
Gaitada	• Risada, gargalhada, deboche.
Garapeiro	Preguiçoso, pessoa que se aproveita dos outros.
Havera	Forma popular (variação fonética) para 'houvera'.
Inferno da pedra	Lugar muito longe, afastado de tudo
Inimigo de sangue a fogo	Inimigo mortal, jurado de morte.
Inticage	Implicância, provocação, embirrança, quizila, intica.
Jagunço	Alcunha dada aos seguidores de Antônio Conselheiro, chefe religioso da rebelião de Canudos (1896-1897)
Jabiraca	Roupa velha, rasgada, gonga; Pessoa malvestida, mal-amanhada, mal-apresentada.
Jacó	Pão francês.
Labrocheiro	Pessoa sem requinte, sem classe, sem modos.
Lachar	Partido, trincado.
Lambedor	Xarope caseiro feito com açúcar queimado e seiva de plantas para curar doenças respiratórias; Terreno alagado de água salgada, camboa, laguna.
Macacão, macaco	Jogo de amarelinha. Um tipo de brincadeira infantil.
Macaxeira	Mandioca.
Machucar	Amassar, esmagar ou triturar alimento com a mão ou algum instrumento como um talher ou pilão.
Não ser esse balaio todo	Não ser o que se pensa, não ser nada demais.
Não frescar	Não tirar onda, não zoar, não grear com a cara de alguém.
Não se misture	Diz o baiano quando alguém pisa em uma tulha de merda.
Ousadia	Intimidade, falta de cerimônia.
Olhar de cabra morta	Olhar triste, vazio, sem expressão.
Óxe	Redutivo (forma apocopada) de oxente
Pacaio	Cigarro de palha. Maconha.
Pau de dar em doido	Pessoa maluca, doida, tereré do quengo, sem limites.
Peba	De baixa qualidade, falsificado, sem valor.
Quartinha	Jarra de água (geralmente feita de barro).
Quebra queixo	Doce feito a base de coco, limão ou goiaba.
Queimadeira	Azia, má digestão.
Rama	Folhas que aparecem nas árvores depois das primeiras chuvas no sertão (novembro e dezembro) ou na zona da mata (fevereiro e março).
Rapadura batida	Espécie de rapadura com temperos, que se bate ou mexe numa gamela até cristalizar.
Ranger	Produzir ruído por atrito entre partes duras. Ex.: A cama está rangendo.
Rapapé	Confusão, briga.
Sambada	• Moça namorada, festeira,
Sandália japonesa	Chinela japonesa.

Sangrar	Transbordar água do açude ou tanque.
Tamãe	Forma popular (variação fonética) para 'tamanho'.
Tamboeira	Equivale a capucho, sabugo de milho.
Tanborete	• Assento (banquinho) para uma pessoa, sem 'braços' ou encosto, de madeira (em geral)
Urupemba	- Arupemba. Peneira.
Usura	Ambição, avareza.
Último tiro da macaca.	Diz-se de uma mulher que completou 30 anos e não casou.
Varão	Quadro (armação de tubos metálicos) das bicicletas, que liga o guidom à parte traseira; Estrado, lastro. Grade de madeira onde se assenta o colchão.
Variar da bola	Enlouquecer, perder a bola, pirar, endoidar.
Vazante	Pequena cultura agrícola, típica dos períodos de estiagem, na beira dos açudes ou nas margens dos rios.
Xerém	Dança de roda, ao som da sanfona; Resíduo do milho que, após pilado e peneirado, permanece na peneira. É servido para as galinhas.
Xumbregar	Beber, ingerir bebidas alcoólicas.
Xexo	Seixo. Calotear. Não pagar a prostituta.
Zerado	Produto ou objeto novo em folha, que ainda não foi usado.

**Fonte:** Navarro (2013, pp. 32-1466)

Os verbetes apresentados acima são apenas uma pequena amostra da variação linguística nordestina e foram escolhidos aleatoriamente de um dicionário que reúne cerca de cinco mil expressões. Mas, é fato, que ainda existem várias palavras ou expressões que não foram notificadas. Dessa forma, pode-se dizer que, o léxico nordestino brasileiro é bem mais abrangente e constitui um verdadeiro dialeto, convivendo e disputando espaço com a norma-padrão.

Atualmente, no Brasil se fala cerca de 210 (duzentas e dez) línguas, segundo Soares (2020). Sendo aproximadamente 190 (cento e noventa) línguas indígenas e 20 (vinte) línguas de imigrantes. Destas últimas, cerca de 1.500.000 (Um milhão e meio) de brasileiros não usam a língua portuguesa como primeira língua ou não a consideram sua língua materna.

Segundo Lucchesi (2017), a variedade linguística no Brasil ocorre em parte devido à diferença étnica dos colonizadores, pois para ele, territórios como o Rio Grande do Sul, que foram colonizados por imigrantes europeus não podem ter a mesma conotação linguística que o território do Rio de Janeiro, que foi colonizado por povos mestiços nativos. E tanto o escritor quanto Teyssier (2014), ainda levantam como questão relevante o fator escolaridade

que para ambos interfere no falar brasileiro, pois, dificilmente uma pessoa analfabeta terá a mesma riqueza lexical de um letrado.

As variações linguísticas também são chamadas de “dialetos”, que Paulista (2016, p. 165), define como, “um termo empregado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua de um determinado lugar, região ou província.”

Mais uma vez faz-se necessário citar a BNCC, que em sua área de Linguagens e suas tecnologias garante aos vários povos e grupos sociais brasileiros o reconhecimento dos seus direitos linguísticos. Vide trecho abaixo.

A Base Nacional Comum Curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias busca consolidar e ampliar as aprendizagens previstas na BNCC do Ensino Fundamental nos componentes Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa – observada a garantia dos direitos linguísticos aos diferentes povos e grupos sociais brasileiros. Para tanto, prevê que os estudantes desenvolvam competências e habilidades que lhes possibilitem mobilizar e articular conhecimentos desses componentes simultaneamente a dimensões socioemocionais, em situações de aprendizagem que lhes sejam significativas e relevantes para sua formação integral. (BNCC, 2017, p. 483)

Observa-se no excerto referenciado uma preocupação genuína em desenvolver a integração e interação dos estudantes entre si, independentemente de suas origens. Pois, através do desenvolvimento de competências e habilidades pré-estabelecidas em todo o âmbito educacional do país, dialogando com os currículos desenvolvidos, previamente, pelas secretarias de educação estadual, proporciona uma maior inclusão nas atividades e diferentes práticas sociais que envolvem o uso da linguagem. E isso é mister, pois se o estudante das classes sociais mais baixas não sentir um real respeito e acolhimento de seus pares por sua linguagem de origem como este vai poder expressar seus sentimentos, suas angústias e suas contribuições intelectuais? Pois segundo a própria BNCC (2017) é na etapa escolar conhecida como Ensino Médio que os alunos fortalecem o conhecimento sobre seus “práticas sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter”. (BNCC, 2017, p.483)

Portanto faz-se necessário que a escola, enquanto, principal, instituição educacional voltada para o crescimento intelectual, ressignifique os conceitos de certo e errado em relação a língua portuguesa, para evitar estigmas e preconceitos linguísticos e além disso, lance mão de estratégias educacionais que não apenas respeitem as diversas formas de linguagem e variações linguísticas, mas também as integrem ao seu currículo, para que os

estudantes possam expressar-se livremente em seu dialeto de origem. Para que sentindo-se mais livres e respeitados possam não somente contribuir com a aquisição do conhecimento através da interação com seus iguais, mas também possam dominar, de forma adequada, as línguas de prestígio exigidas em na sociedade como a norma padrão, por exemplo. Pois, não se pode negar que a aprendizagem desta também é mistér, uma vez que esta é exigida para uma melhor integração social, visto que está justaposta implícita e explicitamente em situações que exigem documentos oficiais e também no mercado de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especificamos neste artigo, embasados na BNCC – Base Nacional Comum Curricular, as variantes linguísticas no nordeste do Brasil, pois é uma região onde a variação é muito grande de um estado para o outro, como também dentro de um mesmo estado.

Travaglia (2017), assim como a BNCC, trata também da forma como as variantes linguísticas devem ser trabalhadas na escola. Pois, tanto para Travaglia como para a BNCC “se a norma-padrão é a variante de prestígio, isto é, a utilizada pelas classes sociais dominantes então, esta deve ser transmitida pela instituição escolar”, (p.80). Porém, se o educando chega à escola com uma variante própria de sua comunidade ou grupo social, esta também deve ser transmitida como mais uma variação linguística a ser aprendida, contemplando o conceito de pluralidade cultural existente em cada língua. Deixando de lado os estigmas e preconceitos e principalmente, o conceito de certo e errado.

Nessa nova visão da língua, pluralidade linguística, tanto Andrade (2012, p.08), como Travaglia (2016), ressaltam que: “o professor tem um papel preponderante, pois cabe a ele fazer uma ponte entre as diversas variantes linguísticas existentes no universo da sala de aula.” (p.80). E, além disso, este também deve informar que a variante conhecida como língua padrão precisa ser aprendida, mostrando sua importância social. Pois, ela é utilizada nas comunicações oficiais, provocando assim, no estudante a necessidade de domínio da norma padrão para que ele possa entender a sociedade; inserir-se nela com mais mobilidade social e confiança em si mesmo; não sendo limitado por seu modo de falar.

No entanto salientam ainda, ambos os autores, Travaglia (2017) e Andrade (2012), que ao dominar a norma padrão, as variantes menos prestigiadas ainda devem ser mantidas pelo falante, para que possa usá-la quando o meio social no qual estiver inserido exigir, pois o objetivo não é estigmatizar ou menosprezar essas variantes, mas sim incluí-las.

É importante salientar que essa desconstrução do erro em relação as variantes linguísticas deve ir além do professor da disciplina de Língua Portuguesa, inserindo também os demais docentes pertencentes a outras áreas de ensino, pois, a grande maioria destes, desconhecem a importância das demais variantes linguísticas e as veem como erro. Portanto, faz-se necessário clarificar ao próprio povo brasileiro e ao mundo, que o Brasil tem uma pluralidade cultural riquíssima, que deve ser estudada, compreendida e aceita.

Também é importante salientar que não é desejo do pesquisador esgotar as hipóteses e possibilidades deste estudo linguístico na região Nordeste do Brasil, havendo ainda muitos outros fatores linguísticos prontos a tornarem-se objetos de estudo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. J. (2014). *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Outubro. Google acadêmico. (16/jun./2022)

ALVES, I. M. (1984). “A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português”. *ALFA: Revista de Linguística* 28.1. Google Acadêmico. (13/jul./2017)

Alves, M. A. (2013). Análise de neologismos por empréstimos no português brasileiro. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 18(2), 31-50

ANDRADE, R. C. de. (2012). “A variação linguística no ensino de língua portuguesa”. *Eventos Pedagógicos* 3.1: 537-546. Google Acadêmico. (13/out./ 2017).

BECHARA, E. (2020). *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Nacional.

BELINI, R. G. D. C., & Sousa, M. M. F. D. (2014). *A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística*. Google acadêmico (15/maio/2022).

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental . Brasília, 1997

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Ministério da Educação e do Desporto: *Secretaria de Educação Básica*, Ensino Médio – Parte II. Brasília: MEC/SEF. (d).

CUNHA, C. (2018). “Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia”. In: Mota, J.A.; Cardoso, S.A M.(Org.). Diadorim. Rio de Janeiro, vol. 20 – *Especial, Portal de periódicos da UFRJ*.

FURTADO, S. R. (2010). *Léxico e Identidade Lingüística: Formação do vocabulário do português-brasileiro pelos estrangeirismos*. Mestrado em Língua Portuguesa. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo–PUC. Google Acadêmico. (07/ set./2016).

GUIMARÃES, E. & ORLANDI, E. P. (2012). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. São Paulo: Híl.

LUCCHESI, D. (2012). A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: Orgs. ROSAE: *Linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 249-274. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books (08/jul./2022).

NAVARRO, F. (2013). *Dicionário do Nordeste*. Recife: Companhia editora de Pernambuco. CEPE.

NOBRE, W. C. de A. (2013). *Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial*. Salvador: UFBA.

2650

PAULISTA, M. L. L. (2016). Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia/linguistic variation: origins, concepts and methodology. *Revista Ecos*,21(02). Gogle acadêmico. (13/set./2021).

SILVA, M. L. D. (2012). *Atlas linguístico do Ceará: uma análise das variações lexicais*. Google Acadêmico. (15/jul./2022)

SOARES, I. V. P. (2020). Cidadania cultural e direito à diversidade linguística: a concepção constitucional das línguas e falares do Brasil como bem cultural. In: Anais do IV Congresso Mundial de Justiça Constitucional - Volume 3: *Justiça constitucional e os direitos fundamentais de terceira dimensão*. Handel Martins Dias·Anizio Pires Gavião Filho· Eduardo Andrés Velandia Canosa; Minas Gerais, Belo Horizonte: Editora Dialética.

TRAVAGLIA, L. C.(2017) *Gramática ensino plural*. São Paulo: Cortez Editora.